

Relatório Especial de Consultoria

ACORDO COMERCIAL EUA-CHINA “FASE 1” E OS IMPACTOS PARA O AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

15 de Janeiro de 2020

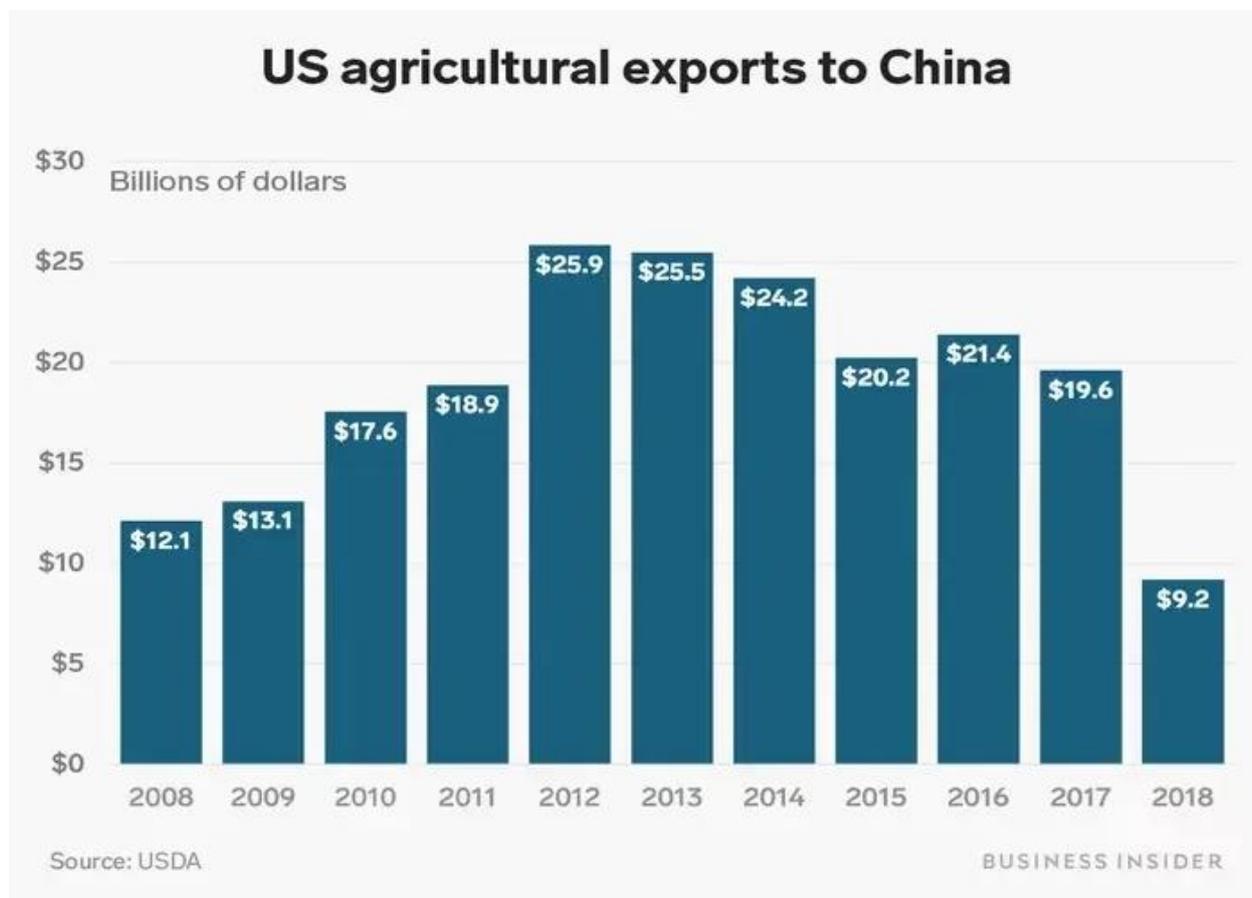
A “FASE 1” DO ACORDO

Estados Unidos e China oficializaram nesta quarta-feira (15/01/2020) na Casa Branca a primeira fase (“fase 1”) de um acordo que pretende colocar fim à guerra comercial que se arrastou por quase dois anos. Desde 2018, a disputa entre as duas potências gerou uma escalada de tarifas impostas pelos EUA a US\$ 360 bilhões de produtos chineses e retaliações por parte da China, com reflexos na economia mundial. Para a chamada “fase 1” do acordo, os chineses concordaram em aumentar a compra de bens e serviços americanos – incluindo produtos agrícolas dos EUA, severamente afetados pela queda de braço entre os dois países – e em avançar na proteção de tecnologia, um pleito dos americanos. Os EUA irão suavizar as tarifas impostas nos últimos meses, mas manter boa parte das sobretaxas, com a ameaça de uma punição extra caso a China descumpra o acordado.

No anúncio do acordo, o presidente dos EUA, Donald Trump, afirmou que as tarifas ainda em vigor são uma forma de manter as negociações para a chamada “fase 2” do acordo, mas disse que está pronto para retirar todas as sobretaxas assim que os dois países chegarem a um acordo final. Em dezembro, China e EUA anunciaram que haviam chegado à primeira fase do acordo, oficializado nesta quarta-feira (15/01). Na ocasião, os EUA cancelaram uma nova leva de tarifas que entraria em vigor e anunciaram a redução de 15% para 7,5% da sobretaxa a US\$ 110 bilhões imposta em setembro. Mas as tarifas de 25% impostas a US\$ 250 bilhões de produtos chineses continuam em vigor. Em troca, os chineses prometem reformas estruturais e a compra de US\$ 200 bilhões de bens e serviços dos EUA nos próximos dois anos.

Trump sela a trégua com os chineses a menos de onze meses da disputa presidencial de 2020, que pode conduzi-lo a mais quatro anos na Casa Branca. O setor rural, eleitorado importante do presidente, tem pressionado o governo por soluções sobre a disputa com os chineses. Os agricultores do Meio Oeste sofreram com a retaliação chinesa às tarifas impostas à China pelos EUA. O valor de produtos agrícolas exportados para a China caiu de US\$ 19,5 bilhões em 2017 para US\$ 9,2 bilhões em 2018. O Brasil tem substituído os EUA na exportação de soja para a China durante o período de guerra comercial. O secretário do Tesouro dos EUA, Steven Mnuchin, disse que parte dos dilemas envolvendo tecnologia e cibersegurança seria discutida no próximo capítulo do acordo. Segundo ele, uma parte significativa das questões de

tecnologia estão na fase 1. Há outras áreas de serviços que estarão na fase 2. Há questões adicionais de cibersegurança que estarão na fase 2, segundo Mnuchin.



COMPRAS DE PRODUTOS AGROPECUÁRIOS

O texto da fase 1 do acordo comercial entre Estados Unidos e China prevê aumento de compras chinesas de produtos agropecuários norte-americanos de US\$ 12,5 bilhões em 2020 e US\$ 19,5 bilhões em 2021, totalizando em dois anos US\$ 32 bilhões. Conforme o anexo do documento divulgado pelo governo, as novas compras chinesas no país serão distribuídas entre oleaginosas, carnes, cereais, algodão, frutos do mar e outras commodities agrícolas dos EUA. O documento, entretanto, não traz metas de compras por volume ou receita para cada grupo de commodities. Em relação às carnes estão incluídas bovina e suína in natura e congelada.

Quanto à carne de frango, o acordo indica que os EUA e a China deverão implementar protocolo de cooperação sobre notificação e procedimentos de controle para doenças de frangos 30 dias após a entrada em vigor do acordo. Já entre os cereais, aparecem como possíveis produtos a serem adquiridos trigo, milho, arroz e sorgo. O grupo de outras commodities inclui alfafa, citros, laticínios, suplementos alimentares, bebidas destiladas, grãos de destilaria secos (DDGs), óleos essenciais, etanol, cenouras frescas, frutas e legumes,

ginseng, alimentos para animais de estimação, alimentos processados, nozes e vinho, além de outros itens como aves vivas e óleo de soja. O acordo indica ainda que os dois países desejam tornar a agricultura “um forte pilar da relação bilateral”.

ANNEX 6.1 INCREASES IN U.S. EXPORTS TO CHINA OVER 2 YEARS				
Unit: USD Billion				
Product Category		Additional U.S. Exports to China on Top of 2017 Baseline		
		Year 1	Year 2	2-Year Total
2. Agriculture^b		12.5	19.5	32.0
9	Oilseeds			
10	Meat			
11	Cereals			
12	Cotton			
13	Other agricultural commodities ^c			
14	Seafood ^d			

O documento sinaliza que EUA e China pretendem intensificar a cooperação na agricultura para expandir o mercado de cada país para alimentos e produtos agrícolas e promover o crescimento do comércio desses itens entre as partes. O texto do acordo entre Estados Unidos e China estipula alguns produtos que não devem ser comprados pelos chineses nos Estados Unidos. Entre eles estão glândulas e vísceras bovinas e suínas; chifres de gado; carne bovina separada mecanicamente e íleo distal de bovinos de qualquer idade; cérebro, crânio, olhos, gânglios trigeminiais, medula espinhal, gânglios da raiz dorsal e coluna vertebral do gado de 30 meses de idade ou mais; além de penas, cabeças, intestinos e caudas de aves.

REGRAS PARA COTAS TARIFÁRIAS

A fase 1 do acordo entre Estados Unidos e China inclui regras sobre imposição de tarifas pela China e a administração das cotas tarifárias do país. O documento escrito, divulgado nesta quarta-feira (15/01), não especifica reduções de tarifas por parte da China. No entanto, o acordo diz que a China concordou em seguir as suas obrigações junto à Organização Mundial do Comércio (OMC) e a melhorar a administração das cotas tarifárias para trigo, milho e arroz. A China se compromete a não discriminar entre tradings estatais e não estatais no que diz respeito à elegibilidade, alocação, realocação e outros fatores ligados às cotas tarifárias.

O acordo também prevê maior transparência por parte da China, exigindo que as cotas anuais para milho, trigo e arroz sejam divulgadas. Os dois países ficam obrigados a divulgar em um site público na internet leis e regulamentos ligados às cotas tarifárias. O texto diz também que a China deverá respeitar a normativa da Organização Mundial do Comércio (OMC) de publicar em um periódico oficial as leis, regulações e outras medidas relacionadas aos

programas e políticas de apoio à produção doméstica. O pacto reforça ainda que não há limitação aos direitos dos Estados Unidos quanto a solução de controvérsias na OMC contra a China no que diz respeito às medidas de apoio doméstico.

A REAÇÃO INICIAL À “FASE 1” DO ACORDO

SOJA EM BAIXA EM CHICAGO

Os preços futuros da soja na Bolsa de Chicago (CBOT) fecharam em baixa nesta quarta-feira (15/01). Apesar da assinatura da fase 1 do acordo comercial entre Estados Unidos e China, os traders permanecem céticos, à espera de compras chinesas concretas e em volume mais significativo. Todos querem ver detalhes exatos da comercialização por commodity e as compras efetivadas pela China. O vencimento março/2020 recuou 13,50 cents (1,43%), para US\$ 9,28 por bushel. O texto da fase 1 do acordo comercial prevê aumento de compras chinesas de produtos agropecuários norte-americanos de US\$ 12,5 bilhões em 2020 e US\$ 19,5 bilhões em 2021, totalizando em dois anos US\$ 32 bilhões.

Conforme o anexo do documento divulgado pelo governo, as novas compras chinesas no país serão distribuídas entre oleaginosas, carnes, cereais, algodão, frutos do mar e outras commodities agrícolas dos EUA. O documento, entretanto, não traz metas de compras por volume ou receita para cada grupo de commodities. Entre os cereais descritos no documento, aparecem como possíveis produtos a serem adquiridos trigo, milho, arroz e sorgo. A ausência de destaque para a soja pode ter sido um dos fatores que ajudou a pressionar os contratos da oleaginosa e seus subprodutos na CBOT.

MILHO EM BAIXA EM CHICAGO

Os futuros de milho fecharam em baixa nesta quarta-feira (15/01) na Bolsa de Chicago (CBOT). Durante o pregão, os contratos chegaram a reagir positivamente a menções do presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sobre o etanol em seu discurso para a assinatura da primeira fase do acordo comercial com a China. Entretanto, a falta de clareza sobre o volume que será comercializado à China deixou os investidores cautelosos e prevaleceu o viés negativo. Nos EUA, 42% da safra do cereal é destinada à fabricação do biocombustível. O vencimento março do grão cedeu 1,50 cent (0,39%) e terminou em US\$ 3,87 por bushel. O texto da fase 1 do acordo comercial não traz metas de compras por volume ou receita para cada grupo de commodities. Entre os cereais descritos no documento, está o milho.

Mas a Associação de Combustíveis Renováveis dos EUA afirmou que está “muito otimista sobre o potencial deste acordo para a agricultura americana e a indústria de combustíveis renováveis - com a inclusão de etanol - e espera detalhes mais específicos sobre o acordo”. Ainda em relação ao biocombustível, a produção média de etanol nos Estados Unidos foi de 1,095 milhão de barris por dia na semana encerrada em 10 de janeiro, volume 3,10% maior do que o registrado na semana anterior, de 1,062 milhão de barris por dia. Os números foram

divulgados pela Administração de Informação de Energia do país (EIA). Os estoques do biocombustível aumentaram 2,22% para 23 milhões de barris.

ALGODÃO EM BAIXA EM NOVA YORK

Os futuros de algodão fecharam em baixa nesta quarta-feira (15/01) na Bolsa de Nova York (ICE Futures US). O algodão aparece entre os produtos que devem ser adquiridos pela China com a assinatura da primeira fase do acordo comercial junto aos Estados Unidos, porém, o mercado ainda aguarda a concretização das compras chinesas e em volume mais significativo. O vencimento março recuou 106 pontos (1,49%), para 70,32 cents por libra-peso. Conforme o anexo do documento divulgado pelo governo, as novas compras chinesas no país serão distribuídas entre oleaginosas, carnes, cereais, algodão, frutos do mar e outras commodities agrícolas dos EUA. O documento, entretanto, não traz metas de compras por volume ou receita para cada grupo de commodities.

IMPACTOS ESPERADOS NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

O Brasil não deve sofrer impactos expressivos com a assinatura da “Fase 1” do acordo EUA-China. Nos mercados de grãos, a soja e o algodão são os produtos mais importantes exportados pelo Brasil à China e os impactos deverão ser restritos e pouco significativos, nos moldes em que o acordo foi estabelecido. Nos mercados de carnes, o Brasil se consolidou como maior exportador de carne bovina para a China e segundo maior exportador de carne suína, posições que não devem ser afetadas. O mercado futuro de soja na Bolsa de Chicago (CBOT) reagiu com dúvida sobre qual volume da oleaginosa a China efetivamente comprará nos Estados Unidos após a assinatura do acordo China-EUA. Entretanto, se concretizado, o aumento das compras chinesas de US\$ 12,5 bilhões em 2020 e US\$ 19,5 bilhões em 2021 em relação aos níveis adquiridos em 2017 resultaria em volume expressivo de importações dos EUA.

Especificamente para a soja, pode haver algum impacto. Em 2017, antes da guerra comercial, as exportações de soja em grãos dos EUA para a China atingiram US\$ 12,2 bilhões, com embarques de 31,688 milhões de toneladas. Em 2018, foram US\$ 3,119 bilhões e apenas 8,235 milhões de toneladas. Em 2019, as exportações de soja dos EUA à China se recuperaram e atingiram 21,763 milhões de toneladas, com receita de US\$ 7,768 bilhões – mas ainda bem abaixo dos volumes exportados em 2015 (27,258 milhões de toneladas) e 2016 (36,051 milhões de toneladas). A guerra comercial afetou muito o fluxo de comércio dos EUA para a China e a soja teria um espaço para recuperar volumes ainda em 2020. A ausência de números que indiquem quanto, em volume ou receita, a China deve adquirir de cada commodity contribuiu para as incertezas.

A falta de mais detalhamentos sobre quanto a China vai comprar contribui para o mercado ficar esperando para ver o que vai acontecer e como a China vai cumprir esse acordo. A China reduziu o volume de soja adquirido globalmente após os surtos de Peste Suína Africana reduzirem em 40% o rebanho de suínos do país. O acordo poderá ter efeito sobre as exportações

de soja do Brasil, uma vez que a oleaginosa é um produto importante da pauta importadora chinesa nos EUA. Os prêmios de exportação nos portos brasileiros, entretanto, praticamente não sofreram pressão negativa. A comercialização da safra 2019/2020 está mais adiantada, mas os reflexos podem surgir ainda em 2020 e com mais intensidade em 2021, caso o acordo seja cumprido e, de fato, promova elevação das exportações de soja americana para os EUA – o que ainda é bastante incerto.

Neste momento, 45% da safra de soja brasileira de 2019/2020 já está comercializada e a China é o maior importador do grão brasileiro. Neste período do ano, o Brasil tem mais soja para ofertar, mas os EUA têm estoques apesar da quebra na safra 2019/2020. A soja seria importante para a China cumprir o acordo. Em um momento em que a demanda chinesa ainda não está totalmente recuperada, isso pode ter impacto negativo nas exportações brasileiras. No entanto, cabe destacar que, na "Fase 1" não está previsto o fim das taxas de importações. O texto detalha que "as partes reconhecem que as compras serão feitas a preços baseados nas condições de mercado e considerações comerciais, particularmente no caso de produtos agrícolas, podem determinar o momento das compras dentro de um determinado ano".

Para o milho e o trigo, há potencial de aumento das exportações dos EUA para a China. A China suspendeu recentemente o plano de etanol (mistura do biocombustível na gasolina), porque os estoques de milho chineses estão muito baixos. Os EUA têm uma oportunidade, mas por enquanto o milho da Ucrânia ainda está competitivo no mercado internacional. O etanol de milho e o trigo podem ser alternativas para a ampliação das compras chinesas nos EUA. A falta de detalhamento sobre quanto a China deve comprar de cada commodity reflete a rejeição chinesa à imposição de metas de compra. A China não deve chegar aos US\$ 50 bilhões em compras chinesas de produtos agropecuários dos EUA indicados pelo presidente norte-americano, Donald Trump. Só se a China não tivesse alternativa, o que não é o caso. Do ponto de vista da China, o país poderá tentar usar a cláusula de "preços de mercado" ou alguma outra reviravolta no acordo para dizer que foram impedidos pelas condições do mercado de cumprir as promessas de compras agrícolas e de outras commodities. A China não irá estocar produtos agrícolas importados dos EUA, sem necessidade.

Carlos Cogo

SÓCIO-DIRETOR DE CONSULTORIA
AGRIBUSINESS CONSULTANT

